

apresentação

presentation

A edição atual da *História Econômica & História de Empresas* vem a luz com nove artigos escritos por especialistas de diferentes áreas da história econômica e da história do pensamento econômico. Para a realização dessa edição contamos com a colaboração valiosa de vários autores, editores, avaliadores, revisores e diagramadores. A todos eles agradecemos a paciência, competência e seriedade na realização de todas as etapas desse trabalho, garantindo à revista uma posição única na publicação de temas de história econômica no Brasil e com destaque também na América Latina.

O artigo “A Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo e a escrita da história econômica de Alice Piffer Canabrava”, de Otávio Erbereli Júnior, procura compreender a delicada inserção da famosa historiadora econômica no quadro universitário paulista da época, permitindo que ela se tornasse a primeira catedrática da Universidade de São Paulo. Pelo estudo do concurso para a cadeira de História Econômica Geral e do Brasil da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, o autor detém-se na análise minuciosa da defesa da tese da historiadora *O desenvolvimento da cultura do algodão na província de São Paulo (1861-1875)*, destacando as observações da banca participante, especialmente Afonso Taunay, Sérgio Buarque de Holanda e Paul Hugon. De forma mais ampla, o artigo contribui para uma perspectiva de gênero no estudo da formação da historiografia econômica brasileira ao abordar um momento singular da trajetória de Canabrava.

No artigo “O que pensam os pensadores da economia no Brasil? Um estudo empírico sobre a produção em história do pensamento econômico e metodologia nos congressos da SEP e ANPEC entre 2004 e 2014”, Emmanoel Boff e Conrado Krivochein apresentam uma avaliação quantitativa da produção acadêmica das áreas de história do pensamento econômico e metodologia nos dois congressos importantes no cenário nacional, destacando a permeabilidade da fronteira entre esses

dois campos de estudos e outras subáreas da economia. Além de contribuir para uma melhor compreensão do cenário atual, os autores mostram as diferenças entre os congressos na permeabilidade das outras subáreas, apontando uma polarização entre uma concepção mais *soft science* (congresso da SEP) e outra mais *hard science* da economia (congresso da ANPEC).

Os três próximos artigos tratam da história econômica e da história do pensamento econômico brasileiro da I República, concentrando-se na última década do século XIX. O artigo de Luciana Suarez Lopes “A economia e alocação de riqueza bruta em Ribeirão Preto, 1889-1900” aprofunda a análise da riqueza surgida na cafeicultura paulista pelo estudo do caso de Ribeirão Preto. Assim como o estudo seminal de Zélia Maria Cardoso de Mello para a capital paulistana, Lopes recorre a uma ampla amostra de inventários *post-mortem*, fonte primária clássica e amplamente utilizada pela historiografia econômica brasileira das últimas décadas. Consoante às interpretações gerais da economia mercantil cafeeira, Lopes aponta o rápido crescimento do número de cafezais nas riquezas inventariadas, bem como a diversificação do emprego do capital em terras, imóveis, ativos, dinheiro, animais etc. A autora também analisa as dívidas ativas e passivas dos inventários, compondo um quadro bastante detalhado de Ribeirão Preto naquela época.

Nem todas as regiões cafeeiras assistiram a um progresso econômico continuado. O artigo de Daniel de Pinho Barreiros, “O fracasso do trabalho assalariado na agricultura fluminense: diplomacia, capitalismo e imigração asiática (década de 1890)”, aponta os percalços enfrentados pelo governo estadual fluminense para lidar com a escassez de mão de obra. O autor destaca o debate e a política de imigração de trabalhadores chineses, posteriormente malograda, na qual se mantivera intocada a estrutura baseada na agricultura mercantil e no latifúndio. Por outro lado, segundo o autor, a possibilidade de evasão dos trabalhadores, escapando das relações assalariadas capitalistas, explicava-se pela presença de uma fronteira agrícola aberta. Deve-se ressaltar a busca do autor em realizar um diálogo mais amplo entre a problemática fluminense e o debate sobre a formação do capitalismo nas obras clássicas de Maurice Dobb, Barrington Moore Jr. e Robert Brenner. Além disso, o autor traz elementos de história global ao focalizar a importância da atuação dos agentes estrangeiros na moldagem da política imigratória brasileira.

O artigo de Ivan Salomão, “Heterodoxia e industrialização na *belle époque* do liberalismo brasileiro: o pensamento econômico de Amaro Cavalcanti”, apresenta uma contribuição relevante à história do pensamento econômico brasileiro pelo estudo das ideias do jurista potiguar Amaro Cavalcanti. Defensor da indústria nacional e antecessor dos próceres das políticas desenvolvimentistas, Cavalcanti propunha uma política alfandegária protecionista, até o fortalecimento do elemento nacional, e uma política monetária papelistas, libertando o país das amarras do padrão-ouro, como alavancas necessárias ao fomento da produção fabril brasileira. Além disso, o autor procura destacar a coerência de Cavalcanti em suas diferentes obras. O estudo é uma boa amostra da seara frutífera representada pelo campo de pesquisas sobre o pensamento econômico na I República.

Adentrando no terceiro quartel do século XX, os dois artigos seguintes analisam sob prismas diferentes as obras de Celso Furtado e de Fernando Henrique Cardoso. O artigo de Renata Bianconi, “Estagnação latino-americana e estratégia brasileira de desenvolvimento: análises do início do exílio de Celso Furtado”, concentra-se na produção do economista exilado do período pós-1964 e dos anos 70. Acompanhando a peregrinação acadêmica e profissional de Furtado pelo Chile, Estados Unidos e França, a autora realiza uma abordagem muito precisa e bem fundamentada dos novos problemas e das novas abordagens propostas por Furtado para a compreensão das relações de dependência e da reprodução do subdesenvolvimento. Nesse período crucial, as obras de Furtado destacam tanto o cambiante plano internacional, com as novas demandas tecnológicas e com a expansão das empresas multinacionais, quanto as dimensões internas às economias periféricas, sobretudo a reprodução dos padrões de consumo dos países avançados.

O artigo de Rodrigo Franklin, “Seria Fernando Henrique Cardoso um weberiano?”, procura realizar uma avaliação global das influências weberianas e marxistas das obras de Cardoso (e Enzo Faletto) produzidas nas décadas de 1970 e 1980. O autor dialoga com as interpretações recentes de Nildo Ouriques e de Ivan Cotrim, defensores de um Cardoso weberiano. Franklin alinha-se aos autores que propõem a visão de um Cardoso marxista, ainda que ecleticamente permeado das influências da obra de Weber e de outros autores. A proximidade com o método marxista do materialismo histórico é o principal argumento utilizado por

Franklin para defender o alinhamento de Cardoso com Marx. Essa afinidade não se constitui em uma preferência política marxista, aspecto admitido pelo próprio Cardoso nas entrevistas citadas por Franklin.

O último artigo dessa edição, “Da criação do Conselho Nacional do Petróleo à Política de Conteúdo Local: a trajetória histórica das políticas para a indústria do petróleo e gás natural no Brasil”, de autoria de Ricardo José dos Santos e Ana Paula Macedo de Avellar, analisa a história das políticas para a indústria de petróleo e gás natural no Brasil. Tratando de um largo período de tempo (de 1938 aos anos 2000), os autores desenvolvem um amplo panorama das alterações institucionais e das políticas públicas que afetaram um setor crucial para o desenvolvimento econômico do país. Dessa forma, ao aprofundar a compreensão de uma indústria específica, os autores conseguem percorrer as transformações das políticas desenvolvimentistas para um modelo liberal ao longo do século XX e início do século XXI. Além disso, destacam o papel fundamental do Estado em diversos momentos, setores e elos da cadeia da indústria, inclusive no período mais recente, que tende a se estruturar em um formato de mercado aberto.

Por fim, apresentamos uma pequena homenagem ao professor Werner Baer, escrita por Armando Dalla Costa, que nos apresenta de forma muito pessoal a trajetória do destacado *scholar* e brasilianista no campo de estudos da história econômica brasileira, especialmente na compreensão das vicissitudes da industrialização no país. Agradecemos ao professor Armando Dalla Costa a escrita do texto e lamentamos a perda de um importante estudioso do país, cientes de que suas obras sempre serão lidas e apreciadas por novos pesquisadores e estudantes que se debruçarem sobre a história da economia brasileira.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Comissão Editorial